

# ARTHUR DANTO E GIANNI VATTIMO: FIM DA ARTE, *MASS MEDIA* E ESTETIZAÇÃO

## ARTHUR DANTO AND GIANNI VATTIMO: END OF ART, MASS MEDIA AND AESTHETICIZATION

Cláudia Dalla Rosa Soares<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo objetiva apresentar as interpretações de Arthur Danto e Gianni Vattimo sobre a questão “fim da arte”, introduzida por Hegel em seus *Cursos de Estética*. Segundo Danto há, no presente, uma transformação radical nas condições de produção das artes. As definições da arte não podem mais se fundamentar na inspeção direta das obras, exigindo uma mudança na forma de se refletir sobre a arte. O “vazio” das definições de arte no momento em que “tudo é permitido” traz a questão do “fim da arte”. Ora, para Danto, o “fim da arte” não significa o fim das produções artísticas na contemporaneidade, mas o fim das narrativas mestras. É um meio de se mostrar que as narrativas que definiram a arte tradicional chegaram a um fim e que a arte contemporânea não mais permite uma representação por narrativas. Vattimo, discorre, em consonância com Danto, acerca das transformações da arte e das insuficiências da Estética tradicional na contemporaneidade. Contudo, Vattimo destaca a incapacidade da Estética em compreender os *mass media* e suas possibilidades positivas. Para Vattimo, a reprodutibilidade técnica e a massificação são inconciliáveis com as definições tradicionais da Estética. Assim, a reflexão vattimiana busca apreender o sentido do estético na sociedade dos *mass media*, remetendo-se à questão do “fim da arte” em um sentido “pervertido” como generalização da esfera dos meios de comunicação.

**Palavras-chave:** Estética. Fim da arte. Pós-modernidade. *Mass media*.

**Abstract:** This article presents the interpretations of Arthur Danto and Gianni Vattimo of the “end of art” introduced by Hegel in his *Lectures on Fine Art*. There is presently a radical transformation in the artistic production according to Danto. The concept of art can no longer be determined by the direct observation of the works of art, thus demanding a transformation in art reasoning. The “emptiness” of the definitions of art at the moment in which “everything is allowed” brings up the question of the “end of art”. According to Danto, the “end of art” does not mean the end of the contemporary artistic productions but the end of master narratives. It is a way of showing that the narratives, which defined traditional art, came to an end and that contemporary art is can no longer be a representation of narratives. Vattimo discusses, in harmony with Danto, the transformation of art and the narrowness of contemporary Aesthetics. Vattimo emphasizes, however, the ineptitude of Aesthetics to understand the media and its emancipatory sense. According to Vattimo, technical reproducibility and mass production are irreconcilable with the traditional definition of Aesthetics. Vattimo’s reflection seeks therefore to understand the meaning of the aesthetic in media society hence interpreting the question of the “end of art” in a corrupt sense: as the generalization of the mass media.

**Keywords:** Aesthetics. End of art. Post-modernity. *Mass media*.

\* \* \*

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Email: claudia.dalla.rosa@gmail.com

## 1. Introdução

Por meio da leitura e interpretação das obras de Arthur Danto, em especial, *The Transfiguration of Commonplace* [1981], *After the End of Art* [1997] e *The End of Art: A Philosophical Defense* [1998] e das obras de Gianni Vattimo, especialmente, *La fine della modernità* [1985], *La società trasparente* [1989], *Filosofia al Presente* [1999] e *La cultura del novecento* [2007], este artigo objetiva apresentar as interpretações de Danto e Vattimo acerca da temática do “fim da arte” introduzida por Hegel em seus *Cursos de Estética*. Deve-se destacar que a abordagem hegeliana<sup>2</sup> de tal temática não será discutida nesse artigo, apenas a leitura contemporânea do “fim da arte” que tais filósofos realizaram com base nas transformações históricas, culturais e artísticas do tempo presente.

Com base em sua experiência filosófica e artística, Danto<sup>3</sup> discorre sobre a distância que há entre a arte contemporânea e “ortodoxia estética do modernismo”: a arte contemporânea deixou de ser moderna, uma vez que evoluiu de tal modo que assumiu uma forma jamais vista na história da arte<sup>4</sup>. No presente, o mundo da arte é definido por um imenso pluralismo e, por isso, exige uma revisão radical na forma de se refletir sobre a arte e no modo de se lidar com ela institucionalmente. Nesse sentido, Danto sustenta:

que nenhuma definição pode fundamentar-se numa inspeção direta das obras de arte. [...] O inquestionável vazio das definições de arte tradicionais provém do fato de que todas elas se basearam em aspectos que as caixas de Wahrol tornaram irrelevantes para definições bem-intencionadas dessa natureza, quer dizer, as revoluções no mundo da arte deixam as definições bem-intencionadas sem quaisquer recursos em face do arrojo das novas obras de arte. Qualquer definição que pretenda sustentar-se precisa adquirir imunidade contra essas revoluções, eu gostaria de crer que depois das caixas de Brillo as possibilidades para isso se encerraram e a história da arte chegou ao seu fim. A história da arte não foi interrompida, mas acabada, no sentido de que passou a ter uma espécie de autoconsciência,

---

<sup>2</sup> Limitar-nos-emos a citar aqui a famosa passagem dos *Cursos de Estética* com base na qual se introduziram as discussões acerca do fim da arte: “o fato é que a arte não mais proporciona aquela satisfação das necessidades espirituais que épocas e povos do passado nela procuravam e só nela encontravam [...]. *A arte é e permanecerá para nós*, do ponto de vista de sua destinação suprema, *algo do passado*”. HEGEL, F. *Cursos de Estética*, vol. 01, p.35 (grifo nosso).

<sup>3</sup> Arthur Danto possui não apenas interesses especulativos e filosóficos acerca da arte. Relaciona-se com a arte de forma prática, uma vez que parte importante de sua vida profissional é dedicada à crítica da arte.

<sup>4</sup> Cf. DANTO, A. *Após o fim da arte*, p.12.

convertendo-se, de certo modo, em sua própria filosofia: um estado de coisas que Hegel previu em sua filosofia da história<sup>5</sup>.

Por isso, o “fim da arte” é um tema de enorme relevância nas reflexões filosóficas de Danto. É importante mencionar que o “fim da arte” não significa o fim das produções artísticas na contemporaneidade, mas o fim das narrativas mestras da arte:

[é] um meio dramático de declarar que as narrativas mestras que primeiro definiram a arte tradicional, e após a arte modernista, não só chegaram a um fim, mas que a arte contemporânea não mais se permite ser representada por narrativas mestras de modo algum. Aquelas narrativas mestras que inevitavelmente excluíam certas tradições e práticas artísticas como “além dos limites da história”<sup>6</sup>.

Danto fala do “fim da arte” como um dos elementos que caracterizam o momento contemporâneo da arte, em que não há mais limites para a produção da arte: o momento presente é de um profundo pluralismo e total tolerância, ao menos no que concerne à esfera artística.

Nesse contexto histórico-cultural de pluralismo, Gianni Vattimo defende a importância de uma teoria estética que tenha no tempo presente sua fonte de informação e legitimação. Nesse sentido, a “Estética vattimiana” pretende ser uma interpretação das mudanças tecnológicas ocorridas na contemporaneidade, em especial, do advento dos *mass media*. Vattimo defende, em consonância com Danto, a relevância do conceito hegeliano de “morte da arte”<sup>7</sup>. Para Vattimo, tal conceito revelou-se profético, não com o mesmo sentido expresso por Hegel, mas

como Adorno nos ensinou constantemente, num sentido, estranhamente pervertido [...] como generalização da esfera dos meios

---

<sup>5</sup> DANTO, A. *A transfiguração do lugar-comum*, p.26.

<sup>6</sup> DANTO, A. *Após o fim da arte*, p.xvi.

<sup>7</sup> É importante destacar que Vattimo utiliza o termo “morte da arte” e não “fim da arte”. Werle critica o uso da primeira expressão, defendendo que fim da arte “não se refere ao fato de algo, a arte, acabou, chegou ao término, mas indica um conjunto de fatos duradouros. Por isso, situada a questão devidamente sob a ótica hegeliana, a expressão posteriormente consagrada ‘morte da arte’ é completamente desajeitada e desastrada. Poder-se-ia dizer que o fim da arte é uma ideia, um determinado conceito aberto que compreende nele mesmo um complexo de causas e efeitos”. (WERLE, M.A. *A questão do fim da arte em Hegel*, pp.11-12). Defende-se aqui que, não obstante a utilização vattimiana do termo “morte da arte”, Vattimo, ao interpretá-lo em um sentido “pervertido”, usa esse termo de forma inequívoca. Nesse sentido, Werle sustenta que, para Vattimo, a morte da arte “é tomada no sentido de ‘término’ de uma certa experiência quando, na acepção hegeliana em momento algum se põe em dúvida que o homem continuará fazendo arte segundo uma certa comunidade histórica. Obviamente a interferência da técnica no meio artístico e a estetização geral da existência pelos fenômenos da mídia [...] nos puseram em grande medida no lugar de uma experiência ‘genuinamente’ artística. No entanto, isso não implica o término do caráter poético da arte” (Ibidem, p.66).

de comunicação, do universo das representações difundidas por esses meios, que hoje não se distingue (mais) da “realidade”<sup>8</sup>.

Por isso, Danto sustenta que Vattimo compreende o fenômeno do fim da arte de uma perspectiva mais ampla, a saber:

ele pensa o fim da arte sob a perspectiva da morte da metafísica em geral, bem como de certas respostas filosóficas a problemas estéticos suscitados por uma “sociedade tecnologicamente avançada”. [...] O ensaio de Vattimo [*Morte ou ocaso da arte*] é uma proposta bastante objetiva, das preocupações da escola de Frankfurt. Mais ainda, é para a “volatilidade” da ideia, qualquer que seja a perspectiva, que estou chamando a atenção<sup>9</sup>.

Após esse breve introdução, a temática do “fim da arte” será discutida de forma aprofundada, de acordo com a orientação de cada pensador, destacando-se as insuficiências da Estética tradicional na interpretação desse fenômeno. Nesse sentido, esse artigo foi dividido em duas partes: i) Danto e a arte após o “fim da arte” e ii) Gianni Vattimo e a “morte da arte”: *mass media* e estetização.

## 2. Danto e a arte após o “fim da arte”

Na obra *Após fim da arte*, Danto destaca que, no presente, há diversas mudanças nas condições de produção das artes visuais, ainda que, de um ponto de vista externo, os complexos institucionais do mundo da arte- galerias, escolas de arte, periódicos, museus, o *establishment* da crítica, as curadorias- parecessem relativamente estáveis. Agora é possível pensar na “arte depois do fim da arte”, como se estivéssemos emergindo da era da arte para algo diferente, cuja forma e estrutura exatas ainda precisam ser compreendidas<sup>10</sup>.

Por isso, no presente, as narrativas históricas da arte passaram a ser consideradas falsas. Tais narrativas caracterizaram a modernidade artística (1880-1960) que se define por certos movimentos que se consideravam artisticamente superiores e se proclamavam como os únicos dignos de consideração: “todos os movimentos eram direcionados por uma percepção de verdade filosófica da arte: que a arte é essencialmente X e que todo

---

<sup>8</sup> VATTIMO, G. *La fine della modernità*. p.39.

<sup>9</sup> DANTO, A. *Após o fim da arte*, p.3.

<sup>10</sup> Cf. DANTO, A. *Após o fim da arte*, pp.3-5.

resto exceto X não é- ou não é essencialmente- arte<sup>11</sup>”. Então, cada um dos movimentos via a sua arte em termos de uma “narrativa redescoberta, divulgação ou revelação” da “verdadeira arte”.

Por isso, para Danto, na contemporaneidade, o que está em questão não é a “morte da arte”, mas o fim das narrativas que se completaram objetivamente na história da arte:

Uma história havia acabado. Não era meu ponto de vista que não haveria mais arte, o que certamente significa “morte”, mas o de que, qualquer que fosse a arte que se seguisse, ela seria feita sem o benefício da narrativa legitimadora, na qual fosse vista como a próxima etapa apropriada da história. O que havia chegado ao fim era a narrativa e não o tema da narrativa<sup>12</sup>.

É em parte o sentimento de não pertencer mais a uma grande narrativa que marca a sensibilidade histórica do presente e ajuda a definir a diferença marcante entre a arte moderna e a contemporânea. É também uma característica da contemporaneidade que ela não tenha nada contra o passado, nenhum sentimento de que seja preciso se libertar do passado e de que tudo deva ser completamente diferente, como comumente defendeu a arte moderna. Por isso, o passado artístico é algo que se encontra disponível para um uso totalmente livre: o museu é um campo disponível para constantes reorganizações<sup>13</sup> e de certa maneira “o museu é causa, efeito e materialização das atitudes e práticas que definem o momento pós-histórico da arte<sup>14</sup>”.

A história da arte evoluiu internamente e a arte contemporânea passou a significar uma arte produzida dentro de uma estrutura de produção jamais vista em toda história da arte. No passado, nas fases de estabilidade artística defendia-se que as obras de arte possuíam certas propriedades, cuja ausência bastava para pôr seriamente em dúvida seu *status* de arte.

Mas esse tempo já passou há muito e assim como qualquer coisa pode expressar qualquer coisa, desde que se conheçam condições pertinentes e os fatores que explicam seu *status* como expressão, qualquer coisa pode ser uma obra de arte: não há condições necessárias enunciáveis na forma de predicados de lugar<sup>15</sup>.

---

<sup>11</sup> DANTO, A. *Após o fim da arte*, p.32.

<sup>12</sup> DANTO, A. *Após o fim da arte*, p.5.

<sup>13</sup> Cf. DANTO, A. *Após o fim da arte*, pp.6-7.

<sup>14</sup> DANTO, A. *Após o fim da arte*, p.7.

<sup>15</sup> DANTO, A. *A transfiguração do lugar-comum*, p.113.

Isso significa que não é mais possível ensinar o que significa a arte por meio de exemplos<sup>16</sup>. Nesse sentido, a contemporaneidade é um período de desordem informativa, uma condição de perfeita entropia e grande liberdade estética. Hoje não há mais qualquer limite histórico: tudo é permitido<sup>17</sup>. É por isso que Danto designa a arte contemporânea de *pós-histórica*. Em tal contexto artístico-cultural qualquer coisa jamais feita poderia ser feita hoje e ser um exemplo de arte pós-histórica. Para Danto, no momento em que se reconhece que qualquer objeto pode se tornar obra de arte, a saber, que “não há nenhuma limitação *a priori* de como as obras de arte devem parecer-las podem assumir a aparência de qualquer coisa”<sup>18</sup>.

Por isso, a Estética tradicional é incapaz de dar respostas aos problemas artísticos contemporâneos<sup>19</sup>. Danto sustenta que a Estética torna-se cada vez mais inadequada para lidar com a arte a partir de 1960, uma vez que ela se recusava a considerar arte não estética ou anti-estética como arte. Nesse sentido, Danto sustenta:

De fato, o maior esforço da filosofia da arte tem sido o desestetizar o conceito de arte. Foi Marcel Duchamp, um artista bem mais profundo que Andy Warhol, que apresentou os ‘*readymades*’ objetos escolhidos pela falta de qualidades estéticas [...]. ‘Deleite estético é o perigo a ser evitado’, escreveu Duchamp de sua obra mais controversa, *Fonte*, de 1917. O maior esforço de Duchamp foi, precisamente, deixar claro que a arte é uma atividade intelectual, uma empresa conceitual e não meramente algo em que os sentidos e os sentimentos entram em jogo<sup>20</sup>.

Nesse sentido, Danto defende que a Estética enquanto teoria demanda urgentemente transformação, pois “talvez nada venha a definir melhor a transição do modernismo para a época atual do que a aplicabilidade cada vez mais reduzida da teoria estética clássica à arte do momento presente”<sup>21</sup>.

---

<sup>16</sup> De acordo com o exemplo favorito de Danto, “nada precisa marcar exatamente a diferença entre a *Brillo Box* de Andy Warhol e as caixas de Brillo do supermercado. E a arte conceitual demonstrou que não era preciso nem mesmo ser um objeto palpável para que algo fosse uma obra de arte visual. [...] Significava que no campo das aparências, tudo poderia ser uma obra de arte” (DANTO, A. *Após o fim da arte* p.16).

<sup>17</sup> Nesse sentido, é importante destacar que Danto não afirma, de maneira nenhuma, “que a arte estava deixando de ser feita! Produziu-se uma grande quantidade de arte desde o fim da arte [...]. Com isso, a questão de uma não-confirmação empírica de minha tese não pode assentar no fato de a arte continuar sendo produzida, mas muito mais no tipo de arte que se trata, e também no que se poderia chamar-tomando de empréstimo um termo do filósofo que venho adotando como mestre nesta investigação, Georg Wilhelm Hegel- de o *espírito* em que a arte foi feita” (DANTO, A. *Após o fim da arte*, p.29).

<sup>18</sup> DANTO, A. *Após o fim da arte*, p.19.

<sup>19</sup> Para aprofundamento, é interessante conferir os textos de Danto: *Art, Philosophy, and the Philosophy of Art* e *The End of Art: A Philosophical Defense*.

<sup>20</sup> DANTO, A. *Art, Philosophy, and the Philosophy of Art*.

<sup>21</sup> DANTO, A. *Após o fim da arte*, p.87.

### 3. Gianni Vattimo e a “morte da arte”: *mass media* e estetização

Assim como Danto, Vattimo discorre acerca da insuficiência da Estética moderna, na contemporaneidade. Contudo, Vattimo destaca a incapacidade da Estética tradicional de compreender os *mass media* e suas possibilidades positivas. A Estética moderna ainda busca “salvar” a “essência da arte” (originalidade, criatividade, gênio, etc.) das “ameaças” que as novas condições de existência da sociedade pós-moderna representam: não apenas para a experiência artística, mas para a própria “essência do homem”. A reproduzibilidade técnica e a massificação são inconciliáveis com a noção de “gênio”, que aparece ainda como indispensável à concepção “clássica” da arte<sup>22</sup>. A reflexão estética vattimiana ultrapassa os limites da teoria moderna, uma vez que não é mais possível, com base Estética moderna, se compreender, nem a experiência artística nem a experiência cultural do presente. Hoje nem a estética teórica, nem a crítica são capazes de apreender o sentido do estético na sociedade dos *mass media*<sup>23</sup>.

Com efeito, os conteúdos divulgados pelos *media* assumem um caráter de precariedade e superficialidade que choca os preceitos da estética moderna, ainda fundada no ideal da obra de arte como “*monumentum aere perennius*” e da experiência estética como experiência que envolve o sujeito autenticamente e profundamente. Estabilidade e perenidade da obra, profundidade e autenticidade da experiência artística são algo que, certamente, não se pode mais esperar na experiência estética da contemporaneidade, dominada pelos *mass media*<sup>24</sup>.

Não só porque a rápida difusão das comunicações tende a banalizar imediatamente a mensagem (que de resto, para satisfazer as exigências dos *media*, nasce sempre já banalizada); mas, sobretudo, porque se reage a este consumo de símbolos através da invenção de “novidades” que, como as da moda, não possuem a radicalidade que parece necessária à obra de arte, antes se apresentando como jogos superficiais [...]. Contra a nostalgia pela eternidade (da obra) e pela

---

<sup>22</sup> Cf. VATTIMO, G. *La società trasparente*, pp.79-80.

<sup>23</sup> Em tal contexto, é relevante mencionar ainda as reflexões do filósofo italiano Mario Perniola. Ele reconhece as insuficiências da teoria estética moderna e sustenta que, na contemporaneidade, se deu “o desgaste de todas as coordenadas teóricas e críticas nas quais se baseava a arte contemporânea. [...] De resto, as orientações mais inovadoras da reflexão filosófica consideram, há tempos, a estética uma abordagem redutora e inadequada à obra de arte. [...] Uma deterioração ainda maior corroeu a crítica de arte [...]. No melhor dos casos ela produz discursos que têm uma relação fortuita com as obras e os artistas; mas em geral, ela não vai além da crônica e da promoção publicitária” (PERNIOLA, M. “Idiotice e esplendor da arte atual”, p.308).

<sup>24</sup> Cf. VATTIMO, G. *La società trasparente*, pp.79-80.

autenticidade da experiência, é preciso reconhecer claramente que o *Shock* é tudo aquilo que resta da criatividade da arte na época da comunicação generalizada<sup>25</sup>.

Vattimo sustenta que a experiência estética na contemporaneidade é profundamente marcada pela vertiginosa proliferação de “belezas” e por sua dissolução em uma multiplicidade de imagens. Daí não ser mais “possível falar de experiência estética como pura expressividade [...] como se fazia quando se pensava que este mundo-base fosse de alguma forma dado, ‘encontrável’ com os métodos da ciência”<sup>26</sup>. Essas transformações, que ocorrem na contemporaneidade, deixam certamente em aberto o problema da redefinição da Estética.

Nesse sentido, a Estética vattimiana pretende ser uma interpretação da sociedade contemporânea, interpretando a “morte da arte” com base no advento meios de comunicação de massa. Antes de um aprofundamento da “morte da arte”, como consequência do advento dos *mass media*, é importante explicitar as concepções tradicionais da “morte da arte”<sup>27</sup> apresentadas por Vattimo: a vanguardista, o *design* e a marxista. A primeira compreende esse fenômeno como a “explosão” do estético para além dos limites tradicionais, a saber, a negação das expressões tradicionais do estético: o museu, o livro, a galeria, a sala de teatro. A segunda busca realizar o sonho de um resgate estético na experiência cotidiana concreta por meio da otimização dos objetos e da harmonização, no estabelecimento de equilíbrios entre os indivíduos e o ambiente. Já a última se caracteriza pela utopia de uma existência resgatada e reintegrada por meio das transformações das relações entre a experiência estética e a cotidianidade: unificação entre o significado existencial e estético<sup>28</sup>.

Vattimo sustenta terem sido os anos 60 marcados por uma grande difusão de perspectivas orientadas para o resgate estético da existência, que negavam a arte como momento “especializado”, como “domingo da vida” no sentido em que falava Hegel<sup>29</sup>. Valendo-se de diferentes pontos de vista buscava-se uma unificação global de significado estético e significado existencial, que podia ser considerado como utopia, a saber, a utopia da unificação estética da existência, que reunia orientações teóricas e

---

<sup>25</sup> VATTIMO, G. *La società trasparente*, p. 80.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 93.

<sup>27</sup> Para aprofundamento, ver: VATTIMO, G. *La società trasparente*, pp.59-72 e VATTIMO, G.. *La fine della modernità*, pp.84-100.

<sup>28</sup> Cf. VATTIMO, G. *La società trasparente*, pp. 84-7.

<sup>29</sup> Cf. VATTIMO, G. *La società trasparente*, p. 84.



políticas diversas. No presente, não subsiste praticamente mais nada de tal utopia unificadora<sup>30</sup>.

Para Vattimo, porém, a utopia estética dos anos 60 está se realizando de forma distorcida e transformada. No presente, o centro da experiência estética se desloca: não no sentido do *design* generalizado e de uma universal higiene social das formas, nem como resgate estético-revolucionário da existência, mas como desenvolvimento da capacidade que o produto estético- e não apenas “a obra de arte”- tem de “fazer mundo” e de criar comunidade. A experiência do belo é fundamentalmente experiência de pertença a uma comunidade. Daí Vattimo sustentar que:

vivemos numa sociedade intensamente estetizada, justamente no sentido “kantiano” da palavra, isto é; onde o belo age como instituição de comunidade; na qual, precisamente por essa intensificação parece ter nos dissolvido o outro aspecto da universalidade de Kant, a identificação, pelo menos tendencial e reivindicativa, da comunidade estética, com a comunidade humana *tout court*<sup>31</sup>.

Para Vattimo, na sociedade dos *mass media*, a unidade simbólica é a própria “essência” da cultura (reconhecer-se como parte de uma comunidade por meio de símbolos compartilhados). Assim, a cultura de massa é, verdadeiramente “de massa”, no sentido que cria uma forma de pertença inédita no mundo que não conhecia os *media* e a informática<sup>32</sup>: os *mass media* são compreendidos como o meio da massa, porque constituem a esfera pública dos gostos e dos sentimentos. Por isso, para Vattimo, o momento presente representa:

[a] passagem do significado utópico-revolucionário da morte da arte a seu significado tecnológico, que se resolve numa teoria da cultura de massa [...]. *Morte da arte*<sup>33</sup> não é apenas o que podemos esperar da reintegração revolucionária da existência: *é aquela que de fato vivemos na sociedade da cultura de massas, em que se pode falar de uma estetização geral da vida* na medida em que a mídia, que distribui informação, cultura, entretenimento, mas sempre sob os critérios

<sup>30</sup> Cf. VATTIMO, G. *La società trasparente*, p. 88.

<sup>31</sup> VATTIMO, G. *La società trasparente*, pp.92-93.

<sup>32</sup> Cf. VATTIMO, G. *La cultura del novecento*, pp.39-40.

<sup>33</sup> Vattimo afirma que “*estamos diante de uma morte da estética que é simétrica à morte da arte* [...] Todas as dificuldades que a estética filosófica encontra ao encarar a experiência do ocaso da arte [...] nascem do fato de que ela continua a raciocinar em termos de obra como forma tendencialmente eterna [...]. A estética pode levar a cabo a sua tarefa de estética filosófica, nessa perspectiva, se souber apreender, nos vários fenômenos nos quais se pretendeu ver a morte da arte, o anúncio de uma época do ser em que [...] o pensamento também se abra para acolher o sentido não puramente negativo e dejetivo que a experiência da esteticidade difusa assumiu na época da reproduzibilidade e da cultura massificada”. (VATTIMO, G. *La fine della modernità*. pp.69-75-grifo nosso).

gerais da “beleza” (atração formal dos produtos), assumiu na vida de todos um peso infinitamente maior do que em qualquer outra época do passado<sup>34</sup>.

Nesse sentido, Vattimo destaca a “estetização” [*estetizzazione*] como elemento distintivo do nosso presente. A cultura, na contemporaneidade, não é distinta, com efeito, da estetização. A estetização é compreendida como a modificação da vida individual e social pelas formas de comunicação modernas, como extensão dos *mass media*. Para o autor, vivemos em uma sociedade em que os significados se multiplicam, se acumulam e são postos à venda “naquela espécie de supermercado das formas de vida que é a publicidade”, compreendida por ele, tanto como propaganda e promoção comercial que transmite estilos de comportamento e *status symbols*, como a midiaticização da experiência por meio dos *mass media* que produzem a fragilização do sentido mediante a proliferação de histórias<sup>35</sup>. Há, em nossa sociedade, uma fragmentação dos “valores estéticos”, um tipo de “esteticidade difusa”, não porque nossa existência seja mais bela, mas porque a quantidade de valores estéticos aumenta progressivamente. Circulam muitos produtos, muito mais “valores estéticos” e, ao mesmo tempo, a sua intensidade diminui. Por isso, segundo Vattimo,

torna cada vez menos concebível a própria ideia de uma realidade [...] se temos uma ideia de realidade esta, na nossa condição de existência moderna tardia, não pode ser entendida como um dado objetivo que se situe em um nível inferior, para lá das imagens que nos dão os *media* [...]. Realidade, para nós, é, aliás, o resultado do encadeamento das relações da “contaminação” [...] das múltiplas imagens, interpretações, reconstruções que [...] os *media* distribuem<sup>36</sup>.

Isso significa que hoje se vive no plano da chamada “realidade” virtual, que se identifica sempre mais com o mundo dos símbolos que sempre constituiu a cultura. Hoje esse mundo dos símbolos é sempre mais indistinguível do mundo “real” o qual, por sua vez, perde sua consistência tradicionalmente concebida como diferente do puro plano dos símbolos<sup>37</sup>. Assim, na sociedade da comunicação *mass* midiática ocorre *uma radical transformação no modo de se conceber a “realidade”*<sup>38</sup>. Daí Vattimo argumentar que a estetização é também uma “desrealização”<sup>39</sup> [*derealizzazione*], pois

<sup>34</sup> VATTIMO, G. *La fine della modernità*. p.63.

<sup>35</sup> Cf. VATTIMO, G. et al. *Filosofia al presente*, pp.19-20.

<sup>36</sup> *Ibidem*, pp.14-15.

<sup>37</sup> Cf. VATTIMO, G. *La cultura del novecento*, pp.30-1.

<sup>38</sup> Nesse sentido, é interessante conhecer os argumentos de Pierre Lévy, que também defende uma

é, de fato, nesse mundo que se torna razoável [*ragionevole*] pensar que “não há fatos, apenas interpretações”. Se em situações históricas diversas, em que a representação da realidade era monopólio de uma ou duas instituições (a Igreja, o Império; na Modernidade, a ciência experimental), se podia e se devia ser “realista”, hoje a pluralidade cada vez mais visível e vertiginosa das agências interpretativas trouxe consigo uma consciência aguda e difusa (não apenas entre os intelectuais) do caráter interpretativo da própria noção de realidade e verdade. Que o mundo seja “um jogo de interpretações” e nada mais o sabemos mais ou menos explicitamente todos. *É isso que aqui chamo desrealização*<sup>40</sup>.

Para Vattimo, deve-se assumir a desrealização como único fio condutor possível: não se trata de contrapor à artificialidade e irrealidade do mundo midiático um apelo de tipo realístico- nem no sentido de restaurar uma pretensão de se alcançar uma experiência direta, objetiva do mundo, nem no sentido de idealizar uma autenticidade da comunicação em termos “essencialistas” ou ainda em termos de transparência. Conforme Vattimo, as características positivas, emancipatórias e libertadoras do processo de desrealização, inaugurado com a sociedade dos *mass media*, não podem ser senão a liberação da pluralidade das interpretações e a estetização tendencialmente total da experiência humana do mundo.

Nesse sentido, Vattimo defende que o significado emancipatório da estetização-desrealização só poderá se realizar por meio da redução do domínio realista, a saber, por meio da oposição à necessidade de horizontes seguros e disciplinantes da razão em seu sentido forte, iluminista e absolutizante. Por isso, “não se trata de emancipar-se das

---

transformação na maneira de se conceber a “realidade”, opondo-se, contudo, à noção de desrealização. Lévy sustenta: “a virtualização não é uma desrealização (...) mas uma mutação da identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado. (...) A virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade (...). A virtualização é um dos principais vetores da criação da realidade” (LÉVY, P. *O que é o virtual?* [1995]. Trad. Br. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996, pp.17-8).

<sup>39</sup> Nesse sentido, Vattimo destaca ainda a “desrealização” provocada pela ciência e tecnologia contemporâneas: “a ciência fala de objetos cada vez menos equiparáveis aos da experiência cotidiana, razão pela qual já não sei muito bem a que é que deve chamar ‘realidade’- aquilo que vejo e sinto ou aquilo que encontro descrito nos livros de física, de astrofísica; a técnica e a produção de mercadorias configuram cada vez mais o meu mundo como um mundo artificial, em que também as necessidades ‘naturais’, essenciais, já não se distinguem das que são induzidas e manipuladas pela publicidade, pelo que também aqui já não tenho nenhum parâmetro para distinguir o real daquilo que é ‘inventado’” (VATTIMO, G. *Acreditar em acreditar*, p.21).

<sup>a</sup> VATTIMO, G. *I limiti della derealizzazione*, pp.108-9. (grifo nosso). Por isso, Vattimo enfatiza que a tese de que “não há fatos, apenas interpretações” é, obviamente, ela própria também uma interpretação (seria uma contradição se ela se apresentasse aqui como a descrição objetiva de um fato) e sua única possibilidade de reivindicar uma validade, de se fazer preferir razoavelmente em relação a outras teorias, consiste em apresentar-se como resposta dialogicamente “adequada” a um apelo, como um modo de reagir a um evento ou a uma cadeia de eventos, que se identificam com o próprio desenvolvimento da sociedade moderna como sociedade da comunicação (Cf. VATTIMO, Gianni. *I limiti della derealizzazione*, p. 108).

interpretações, mas de emancipar as interpretações do domínio e das pretensões de uma verdade ‘verdadeira’<sup>41</sup>. O mundo da comunicação *mass midiática* aparece, para Vattimo, em oposição às previsões apocalípticas de Adorno e da Escola de Frankfurt: aparece como o mundo da liberdade das interpretações.

## Referências

- DANTO, A. 1964. “O mundo da arte”. Trad. Rodrigo Duarte. *Artefilosofia*. n 1. UFOP. 2006.
- \_\_\_\_\_. 1981. *A transfiguração do lugar-comum*. São Paulo: Cosac & Naify. 2005.
- \_\_\_\_\_. 1983. *Art, Philosophy, and the Philosophy of Art*, disponível em: <[http://www.csulb.edu/~jvancamp/361\\_r1.html](http://www.csulb.edu/~jvancamp/361_r1.html)>.
- \_\_\_\_\_. 1997. *Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história*. SP:Odysseus-Edusp, 2006
- \_\_\_\_\_. 1998. *The End of Art: A Philosophical Defense*, disponível em: <<http://www.uoguelph.ca/~abailey/Resources/Danto,%20Arthur%20--%20The%20End%20of%20Art.pdf>>
- \_\_\_\_\_. 1999. *Hegel and the death-of-art thesis*, disponível em: <<http://www.rae.com.pt/Danto%20hegel%20end%20art.pdf>>
- HEGEL, G.W.F. *Cursos de Estética*. vol. 01 Trad. Marcos Aurélio Werle. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- LÉVY, P. *O que é o virtual?* Trad. Br. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- PALMERO, P. “Ermeneutica del declinio. Estetica, ontologia e politica alle origini del pensiero di Gianni Vattimo”. In: *Tropos*. Rivisita di ermeneutica e critica filosofica. Anno I. Numero speciale, 2008.
- PERNIOLA, Mario. Idiotice e esplendor da arte atual. In: *Imagem e conhecimento*. São Paulo: Editora da USP, 2006.
- VATTIMO, G. *La società trasparente*. Milano:Garzanti,1989.
- \_\_\_\_\_. *Oltre l'interpretazione*. Roma-Bari: Editori Laterza, 1989.
- \_\_\_\_\_. et al. *Filosofia al Presente*. Milano: Garzanti, 1990.
- \_\_\_\_\_. *La fine della modernità*.Milano:Garzanti,1991.
- \_\_\_\_\_. *Acreditar em acreditar*. Tradução : Elsa Castro Neves. Rio de Janeiro: Relógio D'Água Editores, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Nichilismo ed emancipazione. Etica, politca, diritto*. Milano:Garzanti, 2003.
- \_\_\_\_\_. *La cultura del novecento*. Caserta: Edizione Saletta dell'Uva, 2007.
- \_\_\_\_\_. *I limiti della derealizzazione*. Mimeo.
- WERLE, M.A. *A questão do fim da arte em Hegel*. São Paulo: Hedra, 2011.

---

<sup>41</sup> VATTIMO, G.. *I limiti della derealizzazione*, p. 105.